



22140159



**PORTUGUESE A: LITERATURE – STANDARD LEVEL – PAPER 1**  
**PORTUGAIS A : LITTÉRATURE – NIVEAU MOYEN – ÉPREUVE 1**  
**PORTUGUÉS A: LITERATURA – NIVEL MEDIO – PRUEBA 1**

Friday 9 May 2014 (morning)

Vendredi 9 mai 2014 (matin)

Viernes 9 de mayo de 2014 (mañana)

1 hour 30 minutes / 1 heure 30 minutes / 1 hora 30 minutos

---

**INSTRUCTIONS TO CANDIDATES**

- Do not open this examination paper until instructed to do so.
- Write a guided literary analysis on one passage only. In your answer you must address both of the guiding questions provided.
- The maximum mark for this examination paper is *[20 marks]*.

**INSTRUCTIONS DESTINÉES AUX CANDIDATS**

- N'ouvrez pas cette épreuve avant d'y être autorisé(e).
- Rédigez une analyse littéraire dirigée d'un seul des passages. Les deux questions d'orientation fournies doivent être traitées dans votre réponse.
- Le nombre maximum de points pour cette épreuve d'examen est *[20 points]*.

**INSTRUCCIONES PARA LOS ALUMNOS**

- No abra esta prueba hasta que se lo autoricen.
- Escriba un análisis literario guiado sobre un solo pasaje. Debe abordar las dos preguntas de orientación en su respuesta.
- La puntuación máxima para esta prueba de examen es *[20 puntos]*.

*Faça a análise literária dirigida de um dos seguintes textos. A sua resposta deve ter em conta as duas questões de orientação que acompanham o texto escolhido para análise.*

## 1.

Dava tardinha e ninguém mais colocava o nariz fora de casa, visto que o mostrengo sempre atacava em hora de sol deitando ou já deitado. Parecia até cidade fantasma, dessas que se veem nos cinemas. Nem meganha armado de grosso calibre expunha sua figura depois da ave-maria. Já havia comerciante falando em baixar as portas e deixar a cidade.

5 – Não aguento mais dormir sono de vigilância: um olho aberto e o outro fechado. Qualquer gato vadio que pula no telhado, salto de susto, de o coração vir à boca. Já disse ao prefeito: mais uma semana nesta vida assombrada, fecho a loja e volto para a capital com meus impostos.

10 Corria risco mesmo de Campos virar lugar deixado, habitado só de aranha e traça, não fosse o incidente com Pinta Roxa Guedes. O velho Pinta Roxa era funcionário público aposentado. [...]

Jamais imaginou o funcionário inativo que ia ter que tirar a ferrugem do bacamarte herdado do avô para se proteger na bucólica cidade, cujo último homicídio ocorrera havia mais de cem anos, quando Serapião matou Serapião com uma faca de salame. Foi no trabalho de azeitar a arma que escapuliu aquele tiro. A bala que deveria estar dormindo no canudo  
15 desde a época da Primeira Guerra, foi desperta pelo limpa-limpa. Apesar do tempo e da ferrugem, acordou bem-disposta, a danada. Saiu barulhenta pelo cano, soltando, animada, fogo estrelado pelo rabo.

O projétil varou o forro de madeira, espedaçou uma telha e encontrou guarida num fofo lá em cima. Foi um barulhão estrondoso. Pinta Roxa chegou a temer que tivesse abatido avião  
20 em pleno voo. Olhou pela janela e viu aquele bichão desmontado na sarjeta da Rua do Carmo. Aproximou-se devagar a fim de ver se o animal estava realmente morto. Notou um repuxamento das partes inferiores. Podia até ser coisa involuntária, de corpo já sem vida, mas, em garantia, deu mais dois tiros, com o fim de dar reforço na morte do bicho agigantado.

Era algo aparentado dos morcegos. O corpanzil, bem medido em régua de pedreiro,  
25 alcançava espantosos três metros e meio, todo vestido de veludo, em pelo do mais negro. Possuía par de asas maior que de aeroplano, guarnecidas, nos extremos, de garras fortes e esmeriladas. Boca afora, cresciam aquelas exorbitâncias: dois caninos em tamanho de faca de açougueiro.

Apesar do medo de pôr cara na noite, logo chegaram à Rua do Carmo dois policiais,  
30 vindos na incumbência de averiguar o motivo dos tiros. O tenente Evaldo, vendo Pinta Roxa, bacamarte na mão, e o animal desconjuntado no chão, soltou berro comemorativo:

– Pinta Roxa deu fim ao Monstro de Campos!

Foi o mesmo que gritar milho nas proximidades do galinheiro. Em segundos, a rua  
35 estava tomada de gente, todos admirando o exagero da natureza e a coragem de Pinta Roxa, que ninguém sabia ser assim tão substancial. O velho, com o pé direito apoiado nas fuças do bicho, arrotava destemores:

– Estava eu limpando o bacamarte de meu avô quando ouvi algo resfolegando no por cima das francesas. Como estava de arma na mão, e valentia é coisa da qual não faço economia, fui ver o que era. Qual foi meu espanto ao deparar com o bichão agachado na cumeeira, retirando as telhas com intenção de entrar na casa. Armei pontaria na hora, mas o malvado percebeu minha presença. Armou salto mortal em direção a minha pessoa. Foi manobra ladina em jeito de já cair com dentão cravado em meu pescoço. Dei então minha cambalhota militar, aprendida nos dias de tiro de guerra. O bicho caiu no seco do chão, mas conseguiu espichar as garras e segurar minha canela. [...] Depois de muita briga de soco e pontapé, consegui outra vez armar posição de tiro e, rápido como tinha que ser, disparei certo. Não fosse essa minha agilidade juvenil, estaria agora em companhia de minha mãe, falecida há muitos janeiros.

Foi nos braços dessa mentira que Pinta Roxa chegou à Câmara dos Vereadores e ganhou homenagem em bronze.

Tiago de Melo Andrade, *Carne Quebrada* (2011)

- (a) Explore a forma como Pinta Roxa Guedes chegou à política e a crítica a ela subjacente.
- (b) No domínio formal, atente nos diversos recursos estilísticos usados para a criação do universo fantástico deste excerto.

2.

### As belas meninas pardas

As belas meninas pardas  
são belas como as demais.  
Iguais por serem meninas,  
pardas por serem iguais.

5 Olham com olhos no chão.  
Falam com falas macias.  
Não são alegres nem tristes.  
São apenas como são,  
todos os dias.

10 E as belas meninas pardas,  
estudam muito, muitos anos.  
Só estudam muito. Mais nada.  
Que o resto, traz desenganos...

Sabem muito escolarmente.  
15 Sabem pouco humanamente.

Nos passeios de domingo,  
andam sempre bem trajadas.  
Direitinhas. Aprumadas.  
Não conhecem o sabor que tem uma gargalhada,  
20 (Parece mal rir na rua!...)  
E nunca viram a lua,  
debruçada sobre o rio,  
às duas da madrugada.

Sabem muito escolarmente.  
25 Sabem pouco humanamente.

E desejam, sobretudo, um casamento decente...

O mais, são histórias perdidas...  
Pois que importam outras vidas?...  
outras raças?..., outros mundos?...  
30 que importam outras meninas,  
felizes, ou desgraçadas?!...

As belas meninas pardas,  
dão boas mães de família,  
e merecem ser estimadas...

Alda Lara, *Poemas* (1959)

- (a) Depois do retrato feito das meninas pardas, como poderemos interpretar o conteúdo do verso 34 e das reticências que encerram o poema?
  - (b) No domínio formal, explique as antíteses dos versos 14 e 15 e relacione-as com a mensagem do poema.
-